



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Marília



CULTURA
ACADÊMICA
Editora

O processo educacional na Revolução Russa e a contribuição do Educador Moisey Pistrak

Neusa Maria Dal Ri

Como citar: DAL RI, N. M. O processo educacional na Revolução Russa e a contribuição do Educador Moisey Pistrak. *In:* DEO, A.; BATISTA, F. M. (org.). **100 Anos da Revolução Russa: a transição socialista como atualidade histórica.** Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2020. p. 227-244.
DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-09-5.p227-244>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

O PROCESSO EDUCACIONAL NA REVOLUÇÃO RUSSA E A CONTRIBUIÇÃO DO EDUCADOR MOISEY PISTRAK

Neusa Maria Dal Ri

INTRODUÇÃO

A Revolução Russa foi um dos fenômenos que mais influenciou o século XX e, além de seus reflexos na política, repercutiu também nos demais campos da atividade humana, como na arte e na ciência. A energia criadora liberada pela revolução se fez presente em várias áreas, como na poesia com Maiakovski, no cinema com Sergei Eisenstein, na literatura e dramaturgia com Gorki, na música, no teatro, na pintura e, sem dúvida, na educação.

Em nenhum país do mundo contemporâneo, no século XX, a educação teve a dimensão que tomou na Rússia Soviética, assumindo importância decisiva para a construção do socialismo. O entrelaçamento da educação com as condições materiais da sociedade e a necessidade

<https://doi.org/10.36311/2020.978-65-86546-09-5.p227-244>

do vínculo entre teoria e prática, segundo o princípio marxista, nunca estiveram tão claros quanto no período singular que foi o início da revolução bolchevique.

Desse modo, ao elaborarmos este texto tivemos como principal objetivo expor algumas reflexões acerca do processo educacional desencadeado pela Revolução Russa e, em especial, a contribuição do educador Moisey Pistrak para esse processo.

As reflexões aqui colocadas resultam de pesquisas desenvolvidas durante anos, para as quais aprofundamos os estudos sobre a pedagogia soviética ou politecnia. As referidas investigações estiveram articuladas a três projetos de pesquisa relacionados à temática da educação, trabalho e movimentos sociais de trabalhadores do século XIX e atuais, em especial o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) do Brasil, e o Movimento Zapatista do México. Dessa forma, as reflexões aqui apresentadas têm suporte na análise de dados coletados por meio de pesquisa bibliográfica, documental e empírica.

1 CENTENÁRIO DA REVOLUÇÃO RUSSA E A ATUAL EDUCAÇÃO

Refletir sobre a educação pública no centenário da Revolução Russa nos obriga a considerar a experiência revolucionária desencadeada com a pedagogia soviética produzida sob o poder do estado operário, dos soviets e do partido bolchevique.

Além da discussão sobre os vários elementos interessantes aportados pela pedagogia soviética, pensamos que esse debate é importante principalmente por dois motivos.

Primeiro, porque hoje, mais do que nunca, o sistema capitalista encontra-se em franca decadência, apresentando vários sinais de morbidez no tocante à totalidade da vida social (DAL RI, 2013). Os retrocessos civilizatórios impostos pelo capital na atual etapa histórica de crise do capitalismo ou da globalização neoliberal são evidentes e se avolumam por toda parte, nos países centrais e principalmente nos periféricos. Guerras, massacres e genocídios se tornam fatos comuns ou uma *nova normalidade*

constituída pela agressiva espoliação imperialista dos recursos naturais, dos fundos públicos dos países e da super exploração do trabalho; um trabalho crescentemente sem garantias e sem proteções legais.

O tipo de política implantado pelo capital para tentar enfrentar a crise é totalmente contrário aos interesses das classes trabalhadoras, e tem colocado, em especial na última década, parcelas significativas das populações em situação de miséria absoluta. No entanto, as políticas neoliberais não têm sido somente alvo de fortes questionamentos, mas sim de inúmeras mobilizações de massas que ocorrem em numerosos países. São mobilizações populares que clamam por direitos fundamentais e por democracia efetiva. Dentre as manifestações de massa destaca-se o movimento da educação, que tem sido o movimento que mais cresce no mundo desde antes de 2010 (DAL RI; VIEITEZ, 2011).

O segundo motivo do porque o debate sobre esse tema é importante diz respeito à experiência educacional historicamente acumulada pelas classes trabalhadoras e suas lutas. Nesse sentido, é possível extrair muitas lições para as atuais lutas em curso a partir da experiência soviética na educação, principalmente aquelas relativas aos movimentos docente e estudantil, bem como refletir sobre uma questão que nos parece fundamental: que educação o socialismo pode produzir?

Para responder essa questão, não basta apenas refletir sobre a educação pós-Revolução Russa, mas parece necessário pensar sobre uma educação *no e para aqui e no e para agora*, que possa contribuir para a futura revolução. Mas, para podermos extrair as lições da experiência soviética, precisamos conhecê-la e discuti-la.

2 REVOLUÇÃO RUSSA E O PROCESSO EDUCACIONAL

Imediatamente após a Revolução Russa, os revolucionários que atuavam no campo da educação tomaram medidas pedagógicas, administrativas e políticas para a reconstrução do sistema educacional e iniciaram a elaboração da proposta teórico-prática que podemos denominar de pedagogia soviética, escola do trabalho ou politecnia. Esses

termos apresentam diferenças, mas por uma comodidade de exposição os tomamos como sinônimos.

Uma das principais características da pedagogia soviética é o estabelecimento do vínculo entre a escola e o trabalho produtivo.

Em primeiro lugar, esclarecemos que a tese do trabalho como princípio educativo não foi elaborada pelos soviéticos. Essa discussão remonta às análises de Marx e Engels sobre a educação, bem como à sua proposta de união do ensino com o trabalho produtivo.

Os escritos de Marx e de Engels sobre a questão educacional não são numerosos e nem são dirigidos especificamente a essa temática. Entretanto, os autores revelam coerência e consistência no sentido de se manterem fiéis às análises e proposições efetuadas nos mais de 30 anos que separam os seus textos que foram escritos em momentos cruciais, tanto da investigação científica como da história do movimento operário.

Neste texto não temos o objetivo de expor os escritos de Marx e Engels sobre educação e apresentar uma análise aos leitores¹. Para nosso intuito, indicado na introdução, basta afirmarmos que a proposição elaborada pelos referidos autores aparece como: ensino para todas as crianças, em institutos nacionais e a expensas da nação; ensino e trabalho de fábrica juntos e a exigência das escolas técnicas, com seu duplo conteúdo teórico e prático. Trata-se de uma proposição democrática relativa à universalidade e à gratuidade do ensino. Mas há também uma proposição tipicamente socialista que é a união do ensino e do trabalho na fábrica, coisa que Marx e Engels não inventaram, mas encontraram nos *utopistas*, em especial em Robert Owen.

Importante frisar que não se tratava de uma proposta de levar a aprendizagem de fábrica para o interior da escola, mas sim de levar as crianças para o trabalho nas fábricas, com objetivos pedagógicos.

¹ Os principais textos que trazem proposições em relação à educação e ao ensino derivam de três programas políticos: a) Manifesto do Partido Comunista, escrito em 1848 por Marx e Engels; b) Instruções aos Delegados do I Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores, escrito em 1866-67 por Marx; c) Crítica ao Programa de Gotha, escrito em 1875 por Marx. A análise desses textos encontra-se em DAL RI, N. M. *Educação democrática e trabalho associado no contexto político-econômico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. 2004. 315 f. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.

Marx (1975, p. 242) não aceitava o trabalho explorador das crianças que existia na época, mas afirmava que

[...] regulamentada severamente a jornada de trabalho segundo as diferentes idades e aplicando as demais medidas preventivas para a proteção das crianças, a combinação do trabalho produtivo com o ensino, desde uma tenra idade, é um dos mais poderosos meios de transformação da sociedade atual.

As teses de Marx e Engels não tinham tido uma grande influência sobre o pensamento pedagógico moderno e sobre a organização dos centros de ensino, até o momento de sua recuperação por Lenin e de sua assunção como base do sistema escolar da Rússia.

A Rússia começou a enfrentar o grave problema da instrução pública no momento em que reinava em seu território a ruína causada pela I Primeira Guerra (1914-1918) e pela guerra civil (1918-1920), com a invasão de forças armadas da Europa Ocidental, dos EUA e do Japão. A crise ainda era agravada pelo cerco hostil dos Estados capitalistas que decretaram o bloqueio econômico e o boicote político, desencadeando uma propaganda anti-soviética agressiva e ajudando a contra-revolução.

Lenin chamava a atenção para o fato de que o socialismo teria de ser construído nas condições concretas existentes, sem ilusões e, em relação à educação, critica duramente a velha escola. Para ele o socialismo deveria abolir da escola tudo que não servisse aos propósitos revolucionários, como o seu caráter classista e o método autoritário.

Lenin tinha total convicção do papel estratégico da educação para o sucesso da revolução socialista e se empenhou pessoalmente para que a escola do trabalho fosse promulgada para o sistema educacional.

[...] não se pode conceber o ideal de uma sociedade futura sem unir o ensino com o trabalho produtivo da nova geração. Nem o ensino e a educação sem um trabalho produtivo, nem o trabalho produtivo separado do ensino e da educação poderão colocar-se à altura do atual nível da técnica e do presente estado dos conhecimentos científicos (LENIN [s. d.] apud KRUPSKAYA, 1986, p. 41; LENIN s.d. apud MANACORDA, 1969, p. 47).

Lenin [s. d.] considerava a questão educacional mais ampla e complexa do que a sua expressão escolar. Para ele, a mudança educacional implicava ao mesmo tempo uma transformação nas relações de produção, nas instituições e nos processos sociais. As classes sociais estabelecem relações sociais de produção e suas contradições educam efetivamente as massas trabalhadoras. Portanto, na construção da sociedade socialista, o processo cultural implicava uma tarefa muito mais ampla do que a organização do sistema escolar, pois envolvia o conjunto das relações sociais

Logo após a revolução foi criado o Comissariado Nacional da Educação (NarKomPros)², órgão que passou a cuidar dos assuntos culturais e educacionais e tinha como principal tarefa reconstruir o sistema educacional russo. Em outubro de 1918 o Comitê Central do Partido Comunista (Bolchevique) publicou as Deliberações acerca da Escola Única do Trabalho a serem implantadas de imediato. Nesse mesmo ano, o Comissariado criou as Escolas Experimentais-Demonstrativas, instituições de ensino voltadas para a aplicação da nova pedagogia.

Destacamos três educadores que tiveram uma grande influência na construção teórico-prática da pedagogia soviética: Krupskaya que foi membro do Comissariado Nacional da Educação; Makarenko grande teórico da noção e prática da coletividade; e Pistrak que desenvolveu a ideia prática da escola do trabalho e a auto-organização dos alunos.

3 MOISEY PISTRAC E A ESCOLA DO TRABALHO

Moisey M. Pistrak nasceu em 1888 e faleceu em 1937. Era doutor em Ciências Pedagógicas, professor e trabalhou no Comissariado Nacional da Educação de 1918 a 1931.

Não há muitas informações sobre a vida de Pistrak e no Brasil temos apenas dois livros seus publicados. Mas sabemos que além de ter sido um dos educadores que mais se destacou na elaboração da pedagogia soviética, dedicou-se à educação primária e secundária, sendo professor e

² O Comissariado Nacional da Educação esteve sob a presidência de Lunachaskiy que atuou nessa posição até 1929, ano em que as pressões para se alterar os rumos da educação soviética se tornaram muito mais fortes (FREITAS, 2009, p. 11).

dirigente de escolas-comunas instituídas pela instrução pública publicada pelo Comissariado. A experiência mais conhecida de Pistrak foi a que desenvolveu na escola Lepeshinskiy ou Escola-Comuna do NarKomPros fundada em 1918 por encargo do Comissariado. As Escolas-Comunas tinham a finalidade de colocar em prática as Deliberações da Escola Única do Trabalho.

A base da nova escola idealizada por Pistrak partia das leis gerais que regem o conhecimento do mundo natural e social, das leis do trabalho humano, da estrutura psicofísica dos educandos e do método dialético. É desta forma que Pistrak definia a Escola do Trabalho

Há vários elementos que poderíamos destacar na proposta de Pistrak, mas, dado os limites deste texto, destacamos: a educação política; a organização da escola que compreende a auto-organização dos alunos e a visão de Pistrak sobre a criança; união do ensino com o trabalho produtivo; e o sistema dos complexos.

3.1 EDUCAÇÃO E POLÍTICA

A questão da política ligada à educação, ou seja, de uma educação de classe versus uma educação neutra foi uma das grandes polêmicas que se instalou na URSS na época da implantação da escola do trabalho. Aliás, uma questão que gerou muitas polêmicas recentemente no Brasil com o movimento denominado *escola sem partido*.

Na verdade, essa é uma questão sempre atual, pois a denominada *escola neutra*, recheada apenas de conhecimentos científicos, com um referencial meritocrático e classificatório de acordo com as capacidades de cada um é uma das principais proposições liberais para a educação. É comum ouvirmos nos corredores universitários a defesa inflamada dessa proposição, presente nos discursos de vários colegas nos departamentos de ensino e outros setores das universidades. Uma proposição que se mascara de neutra, mas que, no entanto, não passa de uma educação política e ideológica, qual seja, a do liberalismo.

A polêmica instalada na época na URSS adentrou outras organizações, em especial as ligadas aos professores. Bogachev, dirigente do sindicato dos professores da URSS, defendia uma escola neutra e independente da política. No interior da Internacional dos Trabalhadores do Ensino, a proposta da escola com caráter de classe transforma-se num grande debate. “No seu primeiro congresso, em 1922, alguns de seus membros defendem outra proposta, a da escola única racional e universal. Para eles, a escola não deve estar a serviço de uma classe, mas da criança [...]” (MACHADO, 1991, p. 140).

Pistrak, depois de Lenin, foi o maior defensor da política na escola e de uma escola com política.

Afirmava Lenin (1918 apud PISTRAK, 2002, p. 22) que “Nosso trabalho no domínio escolar consiste em derrubar a burguesia, e declaramos abertamente que a escola fora da vida, fora da política, é uma mentira e uma hipocrisia.”.

Em todos os estados burgueses, são muito íntimas as relações entre o aparelho político e o ensino, *embora a sociedade burguesa não possa reconhecê-lo*; entretanto, esta sociedade educa as massas através da Igreja e por intermédio de todas as organizações que se baseiam na propriedade privada. Não podemos deixar de colocar francamente a questão, reconhecendo, abertamente, apesar das antigas mentiras, que a educação não poderia ser independente da política (LENIN, 1920 apud PISTRAK, 2002, p. 23, grifos do autor).

Pistrak (2002) afirmava que a escola sempre foi uma arma nas mãos das classes dirigentes, mas a classe dominante não tinha nenhum interesse em revelar o caráter de classe da escola capitalista. Ao contrário disso, pensava que um dos problemas da revolução social era o de mostrar a natureza de classe da escola. Pistrak defendia uma educação de classe para a classe trabalhadora, e uma política na escola voltada para a construção do socialismo.

3.2 A ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

Sobre a organização da escola que compreende a auto-organização dos alunos, Pistrak (2002) questionava: Que tipo de homens e mulheres a fase revolucionária em que estamos vivendo exige de nós?

Para Pistrak, a fase era de luta e de construção do socialismo. E para que a fase fosse benéfica, cada membro da sociedade deveria compreender claramente o que era preciso construir e como construir.

Para isso, a escola deveria desenvolver as seguintes qualidades:

- 1) aptidão para trabalhar coletivamente e para encontrar espaço num trabalho coletivo;
- 2) aptidão para analisar cada problema novo como organizador;
- 3) aptidão para criar as formas eficazes de organização (PISTRAK, 2002, p. 41).

Para Pistrak (2002), colocar o trabalho coletivo na escola era o principal problema do novo sistema escolar. De acordo com o autor (2002), a aptidão para o trabalho coletivo apenas poderia ser adquirido no trabalho coletivo, e esse era um problema que a escola tinha que enfrentar. Mas, a aptidão para trabalhar coletivamente significava também aprender a dirigir quando necessário e obedecer quando preciso. Para atingir esse objetivo seria necessário implantar a auto-organização das crianças para que todos os alunos, na medida do possível, ocupassem sucessivamente todas as funções, tanto a de dirigentes como as subordinadas.

A aptidão para analisar cada problema novo como organizador, ou como um técnico mais dirigente político (GRAMSCI, 1970), pressupunha desenvolver os hábitos de organização política que deveriam ser adquiridos durante o desempenho de diversas funções exercidas pelas crianças. Essa aptidão seria desenvolvida na medida em que as crianças gozassem de liberdade e iniciativa próprias para decidirem sobre todas as questões relativas à sua organização. Os resultados apenas seriam atingidos se a auto-organização for admitida sem reservas.

Do nosso ponto de vista, nas argumentações de Pistrak, duas coisas se destacam.

A primeira refere-se ao seu conceito de aptidão. Ao entender o indivíduo em relação com a sociedade e no coletivo, Pistrak rompe com a visão individualista burguesa de aptidão, ou com aquilo que Bowles e Gintis (1976) denominam de *dom*, conceitos desenvolvidos pelo liberalismo.

A segunda diz respeito à visão que o autor tem de criança. Para ele, a criança não é um ser que deve ser preparado para ser membro da sociedade, visão da educação burguesa. Ao contrário, para o autor as crianças já são membros da sociedade, tendo seus problemas, interesses, objetivos, ideais, e já estão ligadas à vida dos adultos e da sociedade. Dessa forma, a auto-organização deveria ser para elas um trabalho sério e de responsabilidade.

A forma da auto-organização das crianças proposta por Pistrak (2002, 2009) é a do coletivo infantil. O coletivo infantil deveria inculcar nas crianças a iniciativa coletiva e a responsabilidade correspondente às suas atividades.

Pistrak não se referia a um tipo de auto-organização destinado a ajudar o professor e a escola, mas a um coletivo organizado e dirigido pelas próprias crianças. A auto-organização das crianças deveria ser introduzida na escola na realização de determinadas ações práticas e esse trabalho deveria ser organizado de modo que o ensino pudesse ser compreendido pelo espírito das crianças como uma ação importante para sua vida.

Pistrak (2002) afirma que sem o auxílio dos adultos, as crianças podem perfeitamente organizar-se sozinhas. No entanto, os pedagogos deveriam auxiliar levando para as crianças as bases da auto-organização, porém, sem se intrometer na vida das crianças, dirigindo-as ou esmagando-as com sua autoridade e poder.

A auto-organização corresponderia aos objetivos da educação soviética, pois um dos pilares da escola do trabalho estava na proposta do coletivismo.

3.3 UNIÃO DO ENSINO E TRABALHO

Pistrak (2002, 2009) defendia que o trabalho na escola deveria estar ligado ao trabalho social, à produção real, a uma atividade concreta socialmente útil. Sem isso o trabalho perderia seu valor essencial, seu aspecto social, reduzindo-se ou à aquisição de algumas normas técnicas ou de procedimentos metodológicos ilustrativos. Desse modo, o trabalho se tornaria anêmico, perderia sua base ideológica

Ao abordar e discutir a questão, Pistrak propõe várias formas para se desenvolver as atividades na escola do trabalho. Ressaltamos algumas.

A primeira refere-se à execução pelos alunos do trabalho doméstico na escola. Pistrak posiciona-se contra a execução por parte das crianças de trabalhos domésticos pesados e enfadonhos. Porém, defendia esse tipo de trabalho, porque ele permitia aos alunos adquirirem bons hábitos no seio da família e sem os quais seria impossível pensar na criação de um novo modo de vida.

Assim os trabalhos domésticos realizados pelas crianças seriam os de limpeza dos quartos, manutenção da ordem, participação nas tarefas de cozinha e no serviço de alimentação, como distribuição dos alimentos etc. Um dos objetivos principais dessa tarefa era desenvolver a vida coletiva, porque ela significaria não apenas uma melhoria das condições existentes, mas também a possibilidade de começar um novo modo de vida.

Outra forma de trabalho na escola referia-se aos trabalhos sociais, de utilidade social, uma série de tarefas que poderiam ser executadas pelas crianças, como, por exemplo, a limpeza e a conservação dos jardins e de parques públicos, a plantação de árvores, a conservação das belezas naturais, etc. Essas formas de trabalho extra-escolar acabavam constituindo o trabalho social da escola enquanto centro cultural.

Para Pistrak (2002), os cidadãos deveriam considerar a escola como um centro cultural capaz de participar da atividade social; a escola deveria conquistar o direito de controle social em diversos campos, o direito e o dever de dizer sua palavra em relação a certos acontecimentos sociais e o dever de modificar a vida.

Afirma Pistrak (2002, p. 58): “Quando este ponto de vista for admitido por todo mundo, nossa escola se tornará viva.”.

Depois da Revolução de Outubro foram proclamados os princípios da escola do trabalho, sobretudo depois da publicação do regulamento sobre a Escola única do trabalho, em que se colocava o trabalho produtivo no interior da escola. A partir disso, as escolas e estabelecimentos de ensino para crianças lançaram-se na organização de oficinas escolares de todo o tipo. E esta é a terceira forma do trabalho na escola.

“De fato, as oficinas são necessárias à escola, servindo como instrumento da educação baseada no trabalho, se não quisermos limitar a escola a um estudo puramente teórico do trabalho humano.” (PISTRAK, 2002, p. 58).

Se quisermos que as crianças compreendam verdadeiramente o que é a técnica da grande indústria, não podemos nos limitar a mostrá-la ou facultar a leitura de tudo o que lhe diz respeito. [...] É preciso participar do trabalho para compreender o trabalho de uma máquina, é preciso sentir diretamente o que é de fato a mecanização da produção. Ora, a oficina profissional pode propiciar tudo isso. (PISTRAK, 2002, p. 59).

O principal benefício do desenvolvimento dessa atividade encontrava-se no fato de que as oficinas serviam de ponto de partida para o estudo e a compreensão da técnica moderna e da organização do trabalho.

Por último, Pistrak (2002, 2009) defendia que o trabalho na oficina escolar deveria ser produtivo, produzir objetos com utilidade prática. A questão do trabalho produtivo levava à questão da organização da oficina. Os alunos deveriam produzir objetos acabados, ser capazes de calcular o tempo necessário para a fabricação, os materiais utilizados, etc. Essa contabilidade levaria a uma série de outras questões: cálculo dos materiais; estabelecimento de um esquema de trabalho; orçamento detalhado; tempo com o trabalho coletivo; sistema de divisão de trabalho, dentre outros.

Desse modo, se chegaria à questão da organização econômica, aos elementos da administração que deveriam ser bem conhecidos pelas crianças. Isso possibilitaria, mais tarde, a compreensão de certos problemas econômicos e das bases do orçamento nacional.

A outra forma de atividade da escola do trabalho proposta por Pistrak (2002, 2009), a mais interessante, é o trabalho na fábrica. Porém, também era a mais difícil de ser executada.

Para Pistrak, o trabalho direto na fábrica era de extrema importância, pois ele não poderia ser substituído pelo trabalho das oficinas.

“É indispensável que o aluno participe no trabalho produtivo lado a lado com o operário ou com o aprendiz. Qualquer outra forma de trabalho não passará de um sucedâneo incapaz de levar ao mesmo objetivo.” (PISTRAK, 2002, p. 80).

Além disso, para ele a criança deveria participar de todas as manifestações na fábrica, ter contato íntimo com os operários, sua vida, seu trabalho, participar das assembleias, cooperativas, clube, juventude comunista, festas, etc.

Pistrak afirma que essas considerações estavam em nível teórico, pois não podiam ser realizadas naquele momento. Porém, pensava que no futuro esses princípios constituiriam a única pedagogia comunista conveniente à escola nos grandes centros ou nas proximidades das grandes fábricas.

Pistrak ainda apresenta duas outras formas da escola do trabalho, o trabalho agrícola e o trabalho improdutivo. Faz parte da segunda categoria o trabalho do funcionário de Estado ou das instituições sociais (secretariado, escritório, agências, aparelho soviético, comitê de fábrica, contabilidade, administração, órgãos sindicais etc.); o domínio da cooperação sob todas suas formas (consumo agrícola, crédito, produção) e o comércio do Estado; trabalho do educador; trabalho sanitário e médico. Para ele, as crianças desde muito cedo deveriam participar desses trabalhos na escola, pois são importantes elementos sociais.

Do nosso ponto de vista, Pistrak foi o educador que, por meio de suas proposições e da experiência pedagógica que desenvolveu na condução da Escola Lepechinsky e em outras escolas primárias de sua época, levou mais a fundo ou de forma mais radical as propostas de Marx e de Engels de união entre o ensino e o trabalho produtivo.

3.4 SISTEMA DOS COMPLEXOS

Pistrak (2002) aponta a necessidade da organização das disciplinas do programa em complexos, na medida em que, para ele, este era o único sistema que garantiria uma compreensão da realidade de acordo com o método dialético. O sistema dos complexos deixa de ser uma boa técnica de ensino, para ser um sistema de organização do programa justificado pelos objetivos da escola.

O primeiro passo era a escolha dos temas do complexo. Cada complexo proposto aos alunos deveria ser um fenômeno de grande importância e de alto valor, enquanto meio de desenvolvimento da compreensão das crianças sobre a realidade. O critério de seleção dos temas deveria ser procurado no plano social e não na pedagogia pura, deveria ter um valor real. Cada complexo poderia ser analisado de duas formas: ou como um assunto preciso, delimitado; ou como um assunto principal, encadeado por múltiplas relações com uma série de outros fenômenos.

De acordo com Pistrak (2002), o sistema do complexo não é apenas uma técnica pedagógica: trata-se do método fundamental para analisar a realidade atual do ponto de vista marxista. O sistema tem por objetivo treinar a criança na análise da realidade por meio do método dialético; e isso ocorreria na medida em que ela assimilasse o método na prática, compreendendo o sentido de seu trabalho.

Ao analisarmos as proposições de Pistrak para a escola do trabalho percebemos que elas apresentam uma unidade dos objetivos escolares, pois há uma interação orgânica e dinâmica, ou seja, o educador propõe o encadeamento entre o trabalho técnico-político, a auto-organização das crianças, o trabalho social da escola e o ensino.

CONCLUSÃO

A leitura e os estudos sobre a teoria formulada e as experiências práticas conduzidas pelos educadores soviéticos, em especial por Pistrak, na primeira fase da revolução colocam-nos várias questões. A primeira é o questionamento da atual escola capitalista, seus métodos e conteúdos e sua organização. Observamos que a escola *ensina* não apenas pelos conteúdos ministrados, mas, sobretudo, por meio do currículo oculto. A organização do trabalho pedagógico na escola é pensada e executada de acordo com as relações sociais capitalistas. Isso significa que os alunos, além de *aprenderem* alguns conhecimentos científicos e a ideologia dominante transmitidos nas salas de aulas, *aprendem*, por meio da vivência escolar, a disciplina, a obediência e a hierarquia. Não é por mero acaso que as escolas capitalistas são organizadas de forma autoritária e hierárquica, pois além de serem reflexos das relações sociais dominantes, ensinam à comunidade escolar, em especial aos alunos, *o seu lugar* na sociedade.

No campo da pedagogia crítica, a posição dominante coloca, já há muito tempo, que a principal tarefa da educação, em relação à defesa dos interesses dos trabalhadores, é disseminar conteúdos críticos aos alunos e produzir uma consciência crítica. Do nosso ponto de vista, não é suficiente tornar os conteúdos críticos.

Na educação a idéia de conscientização como instrumento de libertação precisa ser retomada num outro contexto, pois à luz da contra-ofensiva burguesa vai tornando-se evidente que essa metodologia não atende aos desafios postos ao movimento democrático. O que a práxis educacional de alguns movimentos sociais, como o MST³ e os Zapatistas, indica-nos é que não basta conscientizar por meio dos conteúdos, da reflexão crítica. A conscientização por meio da aprendizagem reflexiva e crítica é importante, mas mais importante ainda é a experiência de luta social concreta e a transformação das relações de produção pedagógicas burocráticas em democráticas, o que é indissociável da defesa da escola pública em todos os níveis, da instauração da gestão democrática em todos os níveis e, tanto

³ Os escritos e as experiências práticas de Pistrak conquistaram influência na área educacional. No Brasil destacamos a sua influência no *sistema educacional* do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST).

quanto possível, da articulação desse movimento transformador com o questionamento das relações de produção capitalistas.

Embora a união do trabalho com a educação possa ser praticada, até certo ponto, independentemente da democratização das relações de produção, somente com a democratização destas relações esse princípio pedagógico poderá realizar-se em sua integralidade.

A democratização radical das relações de produção, que de fato implica a emergência do socialismo, significa a dissolução das relações hierárquicas que, sob a hegemonia do capital, dominam todas as atividades humanas. *In extremis*, isto significa a liquidação da produção fetichista de mercadorias e do Estado, e sua substituição por uma universal associação dos produtores associados. A grande referência ideológica que deveria iluminar a empreitada social de transformação da escola, do nosso ponto de vista, é a ignorada ou esquecida formulação de Marx (1982) de que a edificação de uma sociedade sem classes e, portanto, não produtora de mercadorias tem como um de seus supostos a emancipação do trabalho e, conseqüentemente, a união dos produtores associados. Numa palavra, a referência de um movimento democrático e socialista não pode ser a categoria da cidadania burguesa, mas, sim, a de *produtores associados*. Para tanto, introduzir na escola o trabalho como princípio educativo e práxis político-pedagógica traria uma magnífica contribuição para o avanço do movimento dos trabalhadores.

Por fim, reafirmamos que os pedagogos soviéticos, com as propostas da escola do trabalho, introduziram no debate educacional questões bastante complexas que continuam ainda pouco estudadas. E estas questões, talvez mais do que as respostas dadas por eles, continuam como desafios extremamente atuais para a educação, em especial para se pensar como vincular a vida escolar com os processos sociais mais amplos e como construir a educação que o socialismo requer.

REFERÊNCIAS

BOWLES, S.; GINTIS, H. *Schooling in capitalist America: educational reform and the contradictions of economic life*. Massachusetts: Basic Books, 1976.

DAL RI, N. M. *Educação democrática e trabalho associado no contexto político-econômico do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra*. 2004. 315 f. Tese (Livre-Docência) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2004.

DAL RI, N. M. Prefácio. In: RODRIGUES, F. C.; NOVAES, H. T.; BATISTA, E. L. *Movimentos sociais, trabalho associado e educação para além do capital*. São Paulo: Outras Expressões, 2013. v. 2. p. 7-13.

DAL RI, N. M. ; VIEITEZ, C. G. Movimentos sociais, trabalho associado e educação: reformas e rupturas. In: BATISTA, E. L.; NOVAES, H. *Trabalho, educação e reprodução social: as contradições do capital no século XXI*. Bauru: Canal 6, 2011. p. 275-308.

FREITAS, L. C. A luta por uma pedagogia do meio: revisitando o conceito. In: PISTRAC, M. M. (org.). *A Escola-Comuna*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 10-103.

GRAMSCI, A. *Antologia*. México: Siglo Veintiuno, 1970.

KRUPSKAYA, N. K. *La educación laboral y la enseñanza*. Moscú: Progreso, 1986.

LENINE, V. I. *O esquerdismo, doença infantil do comunismo*. Lisboa: Maria da Fonte, [s. d.].

MACHADO, L. R. S. *Politecnia, escola unitária e trabalho*. 2. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1991.

MANACORDA, M. A. *Marx y la pedagogía moderna*. Barcelona: Oikos-Tau, 1969.

MARX, K. Crítica ao programa de Gotha. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Textos 1*. São Paulo: Edições Sociais, 1975.

MARX, K. *O capital: crítica da economia política*. 7. ed. São Paulo: Difel, 1982.

PISTRAC, M. M. *Fundamentos da escola do trabalho*. São Paulo: Expressão Popular, 2002.

PISTRAC, M. M (org.). *A escola-comuna*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

MARX, K. Instruções aos delegados do Conselho Central Provisório da Associação Internacional dos Trabalhadores. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Textos sobre educação e ensino*. São Paulo: Moraes, 1983. p. 83-86.

MARX, K.; ENGELS, F. Manifesto do Partido Comunista. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Textos 3*. São Paulo: Edições Sociais, 1975.